



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**FESTIVIDADES À NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO
MOSQUEIRO: UMA INTERFACE ENTRE HISTÓRIA,
ESQUECIMENTO E MEMÓRIA**

Maurício Oliveira dos Santos

Artigo Científico apresentado ao Curso de Licenciatura em História como requisito para apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos

São Cristóvão-SE

2022

Maurício Oliveira dos Santos

**FESTIVIDADES À NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO
MOSQUEIRO: UMA INTERFACE ENTRE HISTÓRIA,
ESQUECIMENTO E MEMÓRIA**

São Cristóvão-SE

2022

RESUMO: O presente artigo versa acerca da compreensão das práticas da religiosidade popular nas festividades alusivas à Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro (Aracaju-SE), festa de maior destaque para a comunidade católica do bairro, dado que as manifestações populares de culto são campos férteis para pesquisas historiográficas, destacando-se pelas contribuições dadas à construção das sociedades ao seu redor. No entanto, para que isso acontecesse, foi necessária a construção de paralelos entre a religiosidade popular e a política de romanização da Igreja Católica no Brasil, justificando-se pela importância da preservação da memória e da valorização do patrimônio cultural acerca das origens dos festejos em honra à Nossa Senhora no Mosqueiro. Ademais, é proeminente apresentar a face mariana do cristianismo católico no país como contexto histórico, principalmente na devoção à Imaculada Conceição, herdada de Portugal. Este trabalho foi ancorado em análises memorialísticas de agentes da história local, já que são quase inexistentes registros que tratem a respeito da temática. Estabelecendo discussões da religiosidade do povo do Mosqueiro, é possível e registrá-las para fortalecimento do vínculo memorial e afetivo dele, além de dar maior (re)conhecimento à comunidade. Para alcançar os pontos descritos, foram confrontadas bibliografias que apresentam questões relativas ao tema central, concluindo que as práticas religiosas populares foram conjugadas ao processo de romanização da Igreja no Brasil.

Palavras-chave: Religiosidade popular. Memória. Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro.

ABSTRACT: The theme of this article is about the understanding of the practices of popular religiosity in the festivities alluding to Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro, the most prominent party for the Catholic community of the neighborhood, given that the popular manifestations of worship are fertile fields for historiographical research, highlighting for the contributions made to the construction of the societies around it. However, for this to happen, it is necessary to build parallels between popular religiosity and the Romanization policy of the Catholic Church in Brazil, justified by the importance of preserving memory and valuing cultural heritage about the origins of the festivities in Brazil. honor to Our Lady in the Mosqueiro. Furthermore, it is prominent to present the Marian face of Catholic Christianity in the country as a historical context, especially in the devotion to the Immaculate Conception, inherited from Portugal. This work was anchored in memorialistic analyzes of agents of local history, since there are almost no records dealing with the theme. By establishing discussions of the religiosity of the people of Mosqueiro, it is possible to record them to strengthen their memorial and affective bond, in addition to giving greater (re)knowledge to the community. To reach the points described, bibliographies were confronted that present questions related to the central theme, concluding that popular religious practices were combined with the process of Romanization of the Church in Brazil.

Keywords: Popular religiosity. Memory. Our Lady of Conceição do Mosqueiro.

*“Desta terra, tu és padroeira,
Para de todo mal nos livrar.”*
(Trecho do Hino da Padroeira)

Agradeço e dedico este artigo
à Nossa Senhora da Conceição
e a todos os seus devotos!

INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a compreender a festividade alusiva à Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro através de relatos de pessoas da comunidade, assim como o processo de romanização¹ pelo qual passou a Igreja Católica no Brasil. Busca-se, ainda, trazer à tona uma localidade pouco explorada e que, com o passar do tempo, foi se esquecendo do seu passado e conseqüentemente da sua cultura. Neste sentido, sente-se a necessidade de conhecer as manifestações religiosas e a sua importância para a comunidade, além de registrá-las.

Tendo como objetivo a análise da manifestação da fé católica dos moradores do bairro, justificada pela preservação da memória, foi preciso discutir a religiosidade popular e, assim, traçar o desenrolar das práticas piedosas em louvor a Maria, mãe de Jesus Cristo, intitulada Nossa Senhora da Conceição. Apresentando o início da devoção entre os moradores de um então simples povoado, em meados do fim do século XIX, perpassando pela atuação da Igreja até a elevação da comunidade à Paróquia no final do século XX. Portanto, como contribuição, este estudo pretendeu salvaguardar a memória local, (re)construindo uma parte de sua história.

Nas tardes dos dias 8 de dezembro, o sino da Igreja Matriz anuncia a saída da procissão gloriosa de Nossa Senhora da Conceição, faça chuva ou faça sol, pelas ruas pavimentadas e de chão batido do Bairro Mosqueiro; é o ápice das celebrações que se iniciaram dez dias antes. A imagem da santa sai em seu bonito andor, ornada de flores, seguida a pé por centenas de crentes que vão pedir graças e agradecer pelas já alcançadas, acreditando na intercessão de Maria.

Por onde o cortejo passa, vai atravessando os corações dos fiéis de uma emoção inexplicável e uma alegria contagiante; as salvas de fogos, de palmas e os cânticos religiosos vão dando o compasso daquele final de um dia tão esperado pelos moradores e pelos visitantes. Este relato perpassa gerações, pois marca o calendário anual do dia da padroeira da comunidade e também da Cidade de Aracaju, à qual pertence, que é o exemplo máximo das muitas práticas da religiosidade local.

As manifestações da religiosidade católica no Brasil têm contornos específicos, agregando muitas vezes o santo e o profano em um mesmo espaço comunitário. A religiosidade popular brasileira é fruto das complexas comunhões entre diferentes credos e seitas. A Igreja Católica se faz presente no Brasil desde o processo de colonização, introduzindo o espírito

¹ Série de reformas implementadas pela Igreja Católica no Brasil, a partir do século XIX, que consistia em um processo racional de políticas e práticas pastorais que buscavam reafirmar o catolicismo na sociedade brasileira.

religioso ao cotidiano dos colonos, como, por exemplo, os tantos nomes de santos com que nomearam várias cidades coloniais. Contudo, o catolicismo formal, em situações diversas, passou a ser convertido em ritos populares que muitas vezes não necessitavam do sacerdote ordenado como um mediador entre o povo e Deus.

A ausência dos padres em diversas localidades do país favoreceu o desenvolvimento do imaginário das pessoas nas devoções e nos ritos, passando o catolicismo a ser adaptado à criatividade delas e essa adaptação se perpetuando entre as gerações através da oralidade. Assim germinou a comunidade de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro, que, mesmo negligenciada pela instituição religiosa até meados do início século XX, desenvolvia suas manifestações da fé católica e mantinha viva diversas práticas da religiosidade popular.

Para compreender as questões levantadas e com o intuito de encontrar e esclarecer informações, ao longo da pesquisa foram realizadas entrevistas (conversas) com algumas pessoas antigas do lugar. Foi de fundamental importância os depoimentos de Laurinda Maia de Brito – *Dona Lai*, Maria da Conceição Brito Maia – *Dona Lalá*, e Edna de Oliveira dos Santos, que voluntariamente compartilharam de suas memórias e a partir delas foram preenchidas lacunas de elementos que não se encontram contidas em documentações oficiais.

Dentre os critérios para a consulta dessas senhoras, estão a proximidade e os laços de parentesco com os primeiros moradores da localidade movidos pela devoção à Nossa Senhora da Conceição. Os depoimentos foram sendo colhidos ao longo de alguns meses entre os anos de 2021 e 2022, em entrevistas individuais e coletivas, recordando lembranças e adentrando o “mundo” das memórias.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a história do Mosqueiro, mais precisamente das experiências religiosas, em grande parte, só poderia ser escrita por meio de memórias e testemunhos, pois há uma lacuna historiográfica em relação a essa localidade. A própria memória histórica dos agentes da comunidade tem desaparecido gradualmente pela falta de trabalhos que a valorizem. A falta de memórias históricas explica-se, sobretudo, pela escassez de documentação escrita e também pelo não aproveitamento dos relatos daqueles que observaram o decorrer dos acontecimentos e das manifestações religiosas.

Este trabalho é um dos primeiros na abordagem íntima da comunidade e da festividade de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro, sendo um caminho para solucionar a lacuna documental a respeito da comunidade. Para amarrar os pontos aqui levantados, principalmente em relação a Sergipe e ao Mosqueiro serão utilizados neste artigo: Solimar Guindo Messias

Bonjardim (Tese de 2014 que aborda a Igreja Católica em Sergipe) e Mirsa Mara Barreto Xavier Leite (Dissertação de 2007 a respeito da sociedade do Mosqueiro). Além disso, é claro, utilizar-nos-emos de uma gama de outros escritos que embasam as argumentações aqui levantadas e auxiliaram no tratamento com as fontes que foram escolhidas e confrontadas ao longo da pesquisa: *Os Registros Paroquiais* (Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro), que são extremamente relevantes para aprofundamentos e análises nos estudos historiográficos de determinada localidade, além dos *testemunhos* colhidos nas entrevistas.

O estudo deste artigo foi desenvolvido em três partes: a primeira com o contexto breve da entrada do catolicismo e das devoções marianas no Brasil e em Sergipe, com destaque à de Nossa Senhora da Conceição; em seguida, os aspectos históricos da comunidade do povoado Mosqueiro e as práticas da religiosidade popular lá desenvolvidas. Por fim, discorreu-se sobre a criação da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro e as suas festividades.

O CATOLICISMO E AS DEVOÇÕES MARIANAS NO BRASIL E EM SERGIPE

O processo de colonização do Brasil não se trata apenas de dominação política e interesses econômicos por parte da Coroa Portuguesa, há algo a mais. É nítida a influência religiosa desde os primeiros contatos de Portugal com a Pindorama. O exemplo do clássico evento realizado alguns dias após à chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral, a Primeira Missa no Brasil², relatada na carta de *Pero Vaz de Caminha*, evidencia os desdobramentos da religião Católica e a necessidade falsa de a impor sobre os povos “pré-cabralinos”, pois acreditavam na ausência de religião aos nativos (MIRANDA, 1993).

Exemplos não faltam para descrever a presença da mentalidade cristã católica no “achamento” do Brasil, tanto que o território antes desconhecido foi batizado de Ilha de Vera Cruz e, mais tarde, de Terra de Santa Cruz, revelando a influência religiosa a bordo das caravelas na expedição de Cabral. Houve também o hasteamento de uma cruz escupida em madeira, sacramentando a tomada de posse do território para os lusitanos, acompanhada de autoridades que representavam o Estado e a Igreja, comunhão que ocorre até mesmo após a Proclamação da República e a declaração do Estado Laico, tal qual destaca Euclides Marchi (2017, p. 118):

² Celebrada em 26 de abril de 1500, num domingo da Oitava da Páscoa, pelo frade e bispo português Henrique Soares de Coimbra, no litoral sul do atual estado da Bahia.

A união Igreja e Estado, garantida pelo sistema de Padroado³ e posteriormente pela condição cultural, instituiu a celebração de atos litúrgicos como componentes das celebrações cívicas ou outros atos oficiais promovidos pelo poder público, mesmo após o Estado ter-se declarado laico. [...] Autoridades civis e religiosas partilharam os lugares de honra nas solenidades e nos rituais comemorativos de caráter exclusivamente civil e laico.

Assim sendo, a história do Brasil está intimamente ligada à da Igreja Católica desde o primeiro contato dos europeus com os nativos brasileiros. Para compreender melhor essa ligação, é fundamental entender que Reino Luso era uma nação católica, alinhada ao bispado de Roma e preocupada com a preservação da fé e dos princípios cristãos. Nesse sentido, escreveu Cipolini: “*O marianismo português fazia parte até mesmo da alta política de Estado desde que Dom Afonso Henriques fundador da dinastia portuguesa (1139) consagrou o reino de Portugal à Mãe de Deus*” (CIPOLINI, 2010, p. 40).

O forte elo entre a Religião e o Estado português é ilustrado na celebração de uma missa às vésperas da saída da frota cabralina. A bordo desta, foram conduzidos símbolos da cristandade, a exemplo do emblema da *Ordem de Cristo*⁴, de uma imagem de Nossa Senhora da Esperança e da devoção à Nossa Senhora da Conceição, protetora de Portugal. Ainda nos primeiros 50 anos do descobrimento, diversas capelas foram erguidas para culto e ao redor delas construíram-se as primeiras povoações do Brasil.

Ivan Manoel (2007, p. 107) estabelece um importante diálogo acerca da História e da Religião e suas práticas quando apresenta que:

Por religião entendo o conjunto de doutrinas e práticas institucionalizadas, cujo objeto e objetivo é fazer a ponte de ligação entre o sagrado e o profano, o caminho de reaproximação entre criatura e criador, o Homem e Deus. [...] No mundo ocidental, no Brasil, particularmente, o predomínio religioso se encontra concentrado nas igrejas cristãs, a Católica Romana, [...]. Essas igrejas se constituíram historicamente como o canal de manifestação da religiosidade; entretanto, devemos reconhecer que nem sempre a religiosidade se manifesta por meio de religiões institucionalizadas.

Sendo assim, é possível argumentar que a presença da mentalidade católica nos acontecimentos históricos do Brasil é marcante, manifestada em diversas práticas religiosas cotidianas. A Igreja não só influenciou a cultura empregando seus costumes, a exemplo da simples expressão “*valei-me, Nossa Senhora*”. O catolicismo também acompanha, até a

³ Constitui-se no direito canônico de um civil dispor de total liberdade, neste caso o rei, para nomear religiosos a cargos em paróquias e dioceses, além de organizar comunidades e arrecadar dízimos.

⁴ Irmandade militar e religiosa, herdeira das funções da extinta Ordem do Templo (Templários).

atualidade, importantes discursões sobre o curso da vida dos brasileiros, a exemplo das justificativas para a não legalização do aborto. Na tentativa de o Homem se reconciliar com Deus, foram realizados diversos desdobramentos religiosos; aqui os chamaremos de piedade ou religiosidade popular e entenderemos como sendo as manifestações da religiosidade que emanam da vontade do povo leigo, levando em consideração que:

[...] “religiosidade popular” se traduz pelo caráter sincrético da crença de um povo. [...] um conjunto de práticas simbólicas que se materializa através da cultura de um povo, a religiosidade popular é um fenômeno que está presente na vida das pessoas séculos após séculos. [...] Cujas manifestações são entendidas como uma forma do homem estreitar sua relação com o sagrado dado o seu caráter mágico, assim, pela crença popular o povo finalmente experimenta a sensação de relacionar-se com o sobrenatural, sendo tal experiência resultante das manifestações populares que assume a forma litúrgica do culto à divindade (REIS, 2007, p. 73).

As faces da religiosidade no Brasil são heranças de Portugal, portanto, é vital conhecer as bases religiosas ibéricas para compreender os desdobramentos da cristandade em terras brasileiras, principalmente em respeito à Virgem Maria. As manifestações de fé à Imaculada Conceição em Portugal são datadas da Idade Média, no tempo em que este culto já era difundido pelo reino, como destaca Edelweiss quando discorre acerca das diversas festas e das igrejas que foram erguidas em louvor a Maria: “[...] por volta de 1320, que em Portugal começou a propagar-se o culto a Nossa Senhora da Conceição” (EDELWEISS, 1969, p. 6).

A devoção foi também levada ao Brasil pelo primeiro governador-geral, Tomé de Souza, e introduzida oficialmente na vida da Capitania da Bahia de Todos os Santos, na Cidade de Salvador construída por ele, e, nela, logo foi erguida uma capela em honra da santa. O Brasil, por ser colônia de Portugal, tinha legalmente a Senhora da Conceição como sua patrona, assim, “o culto ibérico de Maria é a fonte principal do culto colonial” (MOURA, 1997, p. 123).

O povo português sempre se dirigiu a Maria como a Santa Maria, em seguida como a Imaculada Conceição e depois com vários títulos diversificados, mas quase todos tendo como matriz a invocação à Santa Maria da Imaculada Conceição. Em março de 1646 o rei de Portugal D. João IV, proclamou a Imaculada Conceição padroeira de Portugal e, consequentemente do Brasil que era domínio português (CIPOLINI, 2005, p. 72-73).

As festividades à mãe de Jesus remontam à Igreja primitiva (nos séculos próximos à morte de Cristo), sua santidade é abraçada legalmente por volta do século V. A veneração ao

título de Nossa Senhora da Conceição é datada de antes do século XIV e sua festa litúrgica foi estendida à Igreja no século XVIII pelo Sumo Pontífice Clemente XI. A experiência devocional à Virgem Maria, em seu título de Imaculada Conceição, passou a ser uma verdade de fé indiscutível para o catolicismo romano quando o Papa Pio IX proclamou o dogma da Imaculada Conceição de Maria para os seus seguidores.

Este dogma foi proclamado pelo Papa Pio IX em 08 de dezembro de 1854 com a “bula” *Ineffabilis Deus*. Ele se constitui em uma declaração solene na qual afirma a imunidade de Maria ao pecado original. Assim fica emitido um juízo infalível, próprio das declarações dogmáticas como verdade de fé vinculante (CIPOLINI, 2005, p. 61).

Nos primeiros anos da colonização do Brasil, a evangelização foi uma das ações tidas como urgentes na colônia. Diversos missionários, a exemplo dos jesuítas da Companhia de Jesus, foram enviados com a obrigação da catequização e impuseram o catolicismo ao cotidiano de todos os que por lá viviam. Outra importante atividade desenvolvida pela Igreja e destacada por De Lima (2004, p. 36) foi a educação: “Ainda no século XVI, a Igreja se empenhou em outra atividade, [...] a da instrução e da educação aos colonos e seus filhos, incluindo entre eles os indígenas”. Durante todo o Período Colonial, a Igreja Católica foi um dos pilares da construção da sociedade brasileira, e isso se reflete no país até mesmo após a separação das duas instituições e a constituição de um Estado Laico. Isso é assinalado por Albuquerque e Brandão (2009, p. 199): “O catolicismo foi argamassa na formação social do Brasil”.

A devoção a Maria, a Mãe de Jesus, é uma constante na história do povo brasileiro. Ao longo do processo evangelizador em terras brasileiras, o evangelho foi anunciado apresentando a Virgem Maria como a expressão mais sublime de fidelidade. A devoção a Maria é elemento qualificador da genuína piedade da Igreja no Brasil, e podemos afirmar que a experiência mariana pertence à identidade própria de nosso povo (CIPOLINI, 2010, p. 36-37).

Com o passar dos séculos, as esferas da sociedade do Brasil se modificaram, a Igreja Católica também, porém se mantinha como a instituição religiosa predominante entre seus habitantes. Em 1717, um evento referente mais uma vez ao culto à mãe de Jesus marcou ainda mais o andamento da história religiosa do país. Conta a história que, após a pesca milagrosa no Rio Paraíba, onde encontraram uma imagem da Virgem Maria, foi construída uma capela e, com ela, a devoção à “mãe Aparecida” (PETERS, 2018). A imagem retirada das águas era um

ícone de Nossa Senhora da Conceição que passou a ser chamado carinhosamente de Aparecida. Nestes acontecimentos, a Igreja se apropriou da devoção popular que nasceu junto aos moradores daquela localidade para legitimar sua influência e contra-atacar os sincretismos.

Consoante isso, a religiosidade no Brasil é fundamentada na experiência mariana e vai além de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, a exemplo das devoções a Nossa Senhora de Nazaré na região Norte do país, ou Nossa Senhora do Rosário, devoção que foi trazida junto aos africanos escravizados nos navios negreiros. Além disso, observa-se a devoção a Nossa Senhora das Dores ou da Piedade, a mãe sofredora que se compadece dos seus filhos mais humildes, principalmente nos sertões nordestinos.

Em todas as faces da Virgem Maria, é encontrada a esperança para que o povo repouse sua fé. A partir do seu exemplo de vida sofredora junto da cruz de Cristo, Maria é para esse povo, principalmente o marginalizado, consolo e alimento. Essa representação também se direciona para a religiosidade popular, que, por sua vez, é sempre moldada e interpretada frente à necessidade. “Podemos dizer que uma das marcas do catolicismo brasileiro é sua devoção Mariana que sempre esteve presente. Não é errado afirmar que no Brasil Jesus veio pelas mãos de Maria” (CIPOLINI, 2010, p. 42).

O teólogo e bispo católico Pedro Carlos Cipolini, especialista em mariologia, apresenta importantes nuances da experiência católica no Brasil ao longo da história. Em vista disso, seus textos apresentam com clareza o prolongamento da influência católica que, em diversas situações, foi convertida em piedade popular, quando diz que:

A história do povo brasileiro está impregnada desde a vinda dos portugueses, da devoção a Maria. Uma das principais características do legado que a piedade popular lusa legou aos brasileiros é a devoção à Imaculada. Após ter sido protetora do Brasil no período colonial, Nossa Senhora da Imaculada Conceição foi proclamada por D. Pedro I, padroeira do Império Brasileiro. Após a proclamação da República os bispos católicos do Brasil coroam em 1904 a pequena imagem do santuário de Aparecida no estado de S. Paulo denominando-a oficialmente de Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida. Esta pequena imagem, encontrada nas águas do rio Paraíba em 1717 por três pescadores, tem uma história repleta de significado que o povo soube interpretar desde o primeiro dia deste acontecimento. Em 1931 a imagem é levada ao Rio de Janeiro, então capital federal e aí o Cardeal Leme consagra o Brasil à Imaculada Conceição, proclamando-a rainha e padroeira do Brasil sob o apelativo de Aparecida (CIPOLINI, 2005, p. 73).

Não é possível tratar da fé católica no Brasil sem se deparar com Maria e suas dezenas de invocações, suas novenas, rezas, ritos e grandes festividades pelo território nacional. Mesmo frente à secularização estatal, no século XIX, a instituição não perdeu sua influência na sociedade, uma vez que, ainda no século XXI, a Igreja Católica exerce dominação. A produção cultural religiosa é diversa e está por todas as partes, em manifestações materiais e imateriais. Em cada região ou cidade, em qualquer canto do país, são encontrados indícios devocionais a Virgem Maria, a exemplo de Sergipe e da Peregrinação a Nossa Senhora Divina Pastora, Padroeira do Estado.

Autores como Bonjardim (2013, p. 1) evidenciam a presença marcante do catolicismo no menor Estado da Federação do Brasil: “[...] em Sergipe a Igreja Católica faz parte do dia a dia de toda população [...] tudo porque a instituição está cada vez mais presente na paisagem sergipana, por meio de símbolos e manifestações”. Diante do exposto, é possível afirmar que as influências cristãs católicas estão espalhadas por todos os ambientes de Sergipe. Disso, não faltam exemplos, que vão de um simples crucifixo em um gabinete de representação laica até uma imagem do santo padroeiro de um município em praça pública, além é claro das imponentes igrejas que compõem as paisagens das cidades sergipanas.

Sergipe nasceu católico, ao ponto que seus habitantes eram quase que obrigados moralmente a se declararem dessa denominação religiosa. Como resultado dessa relação, do litoral ao sertão, tem-se a necessidade de externar socialmente a fé, manifestando-a efetivamente nas práticas religiosas cotidianas de ir à missa, como também nas construções religiosas a exemplo de igrejas, cruzeiros e grutas. Além disso, percebe-se tal situação no uso de nomes sagrados para a nomeação de cidades (Nossa Senhora da Glória), acidentes geográficos (Rio São Francisco), propriedades (Sítio Santo Antônio) e batismos de recém-nascidos (Maria, José, Luzia etc.).

Desde a conquista do território sergipano em 1590, a Igreja se encarregou de propagar seus ensinamentos entre os moradores dos vilarejos que iam sendo montados. Nas regiões mais distantes dos núcleos populacionais ou nos locais que a cobertura da instituição não conseguia atingir plenamente, o catolicismo era adaptado e inventado de acordo com seus fiéis. Essa prática foi realizada por todos os lugares do Brasil, que, por seu tamanho continental, impedia uma cobertura maior dos padres e dos missionários.

Por essas razões, o ser católico no país está vinculado ao imaginário dos devotos que multiplicavam as crendices, dando nova roupagem popular às venerações aos santos.

Raramente se encontrará uma cidade/povoado sem uma igreja católica ou sem festas e procissões em homenagem a algum santo.

A História do Cristianismo e a da Igreja Católica, sem dúvidas, andam em paralelo. Os primeiros seguidores de Jesus Cristo pregavam a “Boa-nova” aos homens e às mulheres como Ele lhes havia ordenado. Essa então seita minoritária no século I foi ganhando adeptos, passando de religião proibida e perseguida às bases estatais do governo do Império Romano e que, mesmo após a queda deste em 476, manteve-se como a instituição de maior poder e prestígio no mundo ocidental. Ao longo de quase dois mil anos de existência, a Igreja Católica enfrentou tumultuados episódios, como o caso da cisão causada pela Reforma Protestante no século XVI.

Para frear o desenvolvimento protestante, foi realizada a Contrarreforma Católica, e, entre suas determinações, tem-se a criação da Companhia de Jesus, os famosos jesuítas, que estiveram presentes no Brasil a partir de 1549, no início da colonização. Na conquista do “novo mundo”, a Igreja observou a possibilidade de expansão dos seus domínios, justificando-se pela salvação das almas.

Sendo assim, como já abordado neste artigo, a mentalidade católica se faz presente no país desde sua conquista e, mesmo com diversos contratempos ao longo da história, a exemplo da secularização do Estado, manteve sua dominação religiosa e secular. A respeito da presença do catolicismo no Brasil, Bonjardim (2014, p. 105-106) descreve o início da colonização e a inserção do cristianismo no dia a dia dos habitantes de todas as capitanias.

Para os missionários e moradores, a igreja representava o convívio com o cristianismo, marcando lugar de oração, de missa, antes do templo, representação da fé de uma família, etc. Vale enfatizar que o país nasceu como Terra da Vera Cruz e foi colonizada em nome de Sua Majestade D. Manuel I, grão-mestre da Ordem de Cristo e patrono da Igreja do Novo Mundo e da santa fé católica.

Desde esses tempos remotos, observa-se a forte religiosidade popular que estava se desenvolvendo no território, fruto da fusão cultural e das experiências vivenciadas no Brasil. Sendo assim, as práticas religiosas foram sincretizadas quando da mistura dos povos que coabitavam o país e a crença popular é uma das faces apresentadas por esse catolicismo. Em virtude do processo de romanização, a Igreja passou a se apropriar de festividades e ritos que nasceram da interpretação religiosa, para, assim, continuar exercendo sua influência sobre o território, uma vez que o Estado não mais possuía religião oficial.

O povo brasileiro não é apenas latino, porém, mais precisamente, índio-afro-latino”. Assim, a formação histórica do povo brasileiro explica um traço especial da cultura brasileira que é a tendência ao sincretismo, ou seja, a capacidade de combinar e misturar privilegiando a diversidade, a variedade e a complementaridade (CIPOLINI, 2010, p. 38).

Sergipe não foge em nada à regra da História da Igreja Católica no Brasil: seu território foi conhecido desde a época do “descobrimento”; era uma localidade morada de indígenas e geograficamente muito estratégica, pois estava entre dois importantíssimos polos econômicos coloniais, Bahia e Pernambuco, e ainda sofria incursões estrangeiras com frequência. Portanto, a coroa lusitana decidiu por ocupar esta porção de terra entre os Rios Real (ao sul) e o São Francisco (ao norte). As primeiras missões de caráter religioso em Sergipe foram realizadas em 1575 por jesuítas liderados pelo Padre Gaspar Lourenço e o Irmão João Salônio, que, porém, não obtiveram grandes frutos, sendo expulsos alguns anos depois.

Em 1590, foi reorganizada nova expedição, dessa vez com o objetivo de conquista total do território sergipano, que foi cumprido sob as ordens de Cristóvão de Barros. A antiga terra de indígenas ferozes, que foram dizimados pelos portugueses, era agora a Província de Sergipe Del Rei, que, por sua vez, pertencia à capitania da Bahia de Todos os Santos.

Concomitantemente a isso, as ordens católicas foram adentrando o território e propagando seus ideais religiosos. Posto isto, são comprovados a influência cristã em Sergipe desde seu surgimento e, por conseguinte, o forte enraizamento do catolicismo. Após a conquista, foi construída a primeira cidade sergipana, São Cristóvão, e, nela, erguida uma paróquia em 1608, que permaneceu única neste estado por mais de sessenta anos, a igreja de Nossa Senhora da Vitória. Mais uma vez, deparamo-nos com uma devoção mariana propagada entre os portugueses e trazida ao Brasil.

A ocupação de Sergipe seguiu o modelo que imperava nos territórios constituídos pelos portugueses: igrejas, ermidas, capelas e cruzeiros distribuídos pelo território ocupado, presentes nas praças, sítios, fazendas, engenhos, etc., desde os mais humildes aos mais sofisticados, desde o templo até o símbolo sozinho como cruzeiros em pontos altos das povoações. Nessa época a religião e os religiosos tinham grande influência sobre a vida, como já afirmado, no Brasil e também em Sergipe. As capelas, presentes em grande número na paisagem, ostentavam o poder da religião sob a população. Era rara a propriedade açucareira que não possuísse um templo e um encapelado para atender a população do engenho e também dos arredores (BONJARDIM, 2014, p. 149).

No início do povoamento de Sergipe, desde a Guerra Justa (1590), foram erguidas diversas igrejas apadroadas por invocações marianas, entre elas: Nossa Senhora do Rosário, do Amparo, de Guadalupe, do Socorro, da Conceição, da Piedade, do Carmo etc. Sergipe, o Brasil e a América Latina como um todo foram constituídos católicos e devotos da mãe de Jesus.

Pode-se escrever uma história do Brasil descrevendo os diversos significados que a imagem de Nossa Senhora teve ao longo da história do Brasil. “A devoção a Maria marcava as épocas do ano e as horas do dia”. Em todos os lugares sempre existia uma imagem de Maria, até mesmo nos navios negreiros estava presente a imagem de Nossa Senhora do Rosário (CIPOLINI, 2010, p. 41).

Frente ao crescimento religioso da Igreja em Sergipe e o processo de secularização, foi dada a sua independência religiosa em 1910, quando Aracaju foi elevada ao posto de Diocese; assim, as paróquias sergipanas não mais estavam vinculadas à Diocese da Bahia. Neste tempo, o clero ordenado passou a combater as religiosidades populares, convertendo-as aos ritos legais e oficiais do catolicismo. O contra-ataque feito em relação ao Estado Laico foi justamente o processo de romanização, que consistia no estreitamento das faces da Igreja Católica no Brasil com as medidas deliberadas pelo Vaticano, ou seja, pelo Bispo de Roma, o Papa.

As ações desse processo foram voltadas à expansão da dominação da Igreja, que passou a atuar em localidades antes esquecidas. O Bispo diocesano de Aracaju, Dom José Thomas Gomes da Silva, criou dezenas de paróquias, além do seminário para a formação de bons padres e de promover a apropriação dos cultos e das festividades populares aos seus termos. Com essas medidas, o catolicismo queria manter suas influências construídas ao longo dos mais de trezentos anos na sociedade sergipana.

A principal ação da Igreja em Sergipe, nesse momento, [...] foi combater o catolicismo popular, visto que existiam festividades alusivas aos santos que extrapolava o religioso e aconteciam nas casas e ruas, longe do ambiente religioso. Essa ação comprova que no estado, como em todo no Brasil, o catolicismo popular era decorrente entre a população. [...] O catolicismo popular movimentava e, em algumas localidades movimentava, a vida do católico pelas festas sincréticas, as adorações a santos e imagens, folguedos e festejos de devoção popular (Brandão, 2007). (BONJARDIM, 2014, p. 152-153).

Desta maneira, no século XX, os municípios sergipanos passaram a contar, cada vez mais, com novas igrejas católicas e suas festividades, que, muitas vezes, englobavam as antigas

tradições do povo, tentando apagar as vicissitudes das religiosidades não ortodoxas. Nessas multiplicações de festas religiosas, tem-se a ampliação da experiência mariana em Sergipe. Maria que está presente na história do cristianismo primitivo, foi trazida ao Brasil pelas caravelas dos conquistadores católicos e propagou-se por todo o território, a exemplo de Sergipe.

A presença constante de Maria na cultura brasileira foi reconhecida pelo Papa João Paulo II, quando visitou o santuário de Aparecida em 1980 e declarou que “o amor e a devoção a Maria são um dos traços característicos da religiosidade do povo brasileiro” (CIPOLINI, 2010, p. 42).

Quando da discussão acerca do desenvolvimento e expansão da Igreja Católica em Sergipe, Bonjardim (2014), além de falar das muitas práticas religiosas e das festividades desenvolvidas no Estado, dá destaque às festas de Nossa Senhora da Conceição. Aparece, como comemoração importante para a Igreja em Sergipe, a da Catedral de Aracaju, como também as festividades da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro. Observa-se aqui a evolução da simples comunidade de pescadores e suas manifestações populares à institucionalização e à incorporação dos costumes por parte da Igreja, assim como planejado no projeto de romanização.

ASPECTOS HISTÓRICOS DA COMUNIDADE DO MOSQUEIRO

A Igreja Católica em Sergipe tomou folego e passou a respirar os ares da romanização, o projeto religioso para fortalecer o prestígio que perdera nas últimas décadas do século XIX com a laicização do Estado brasileiro. Sergipe é fruto do processo descentralizador da Igreja Católica, que passou a expandir sua influência institucional sobre o Nordeste. “Agraciado pela política expansionista de “estadualização” da Igreja, foi criada, em Sergipe, no ano de 1910, a Diocese de Aracaju” (BARRETO, 2004, p. 144). O bispo responsável pela diocese, Dom José Thomas Gomes da Silva, empreendeu reformas na Igreja local e em seu clero, aliando-se ao ambicioso projeto de reação à crise de hegemonia dentro da Primeira República, quando o catolicismo não mais era a religião oficial.

A comunidade da região do Mosqueiro, que outrora pertencera ao Município de São Cristóvão, compreende atualmente a Zona de Expansão da cidade de Aracaju, constituiu-se predominantemente pescadora e desenvolvia suas manifestações da fé católica em meados do

final do século XIX e início do século XX, sem a presença direta da instituição. Mantinha viva diversas práticas da religiosidade popular, como, por exemplo, as celebrações alusivas à Nossa Senhora da Conceição e Santo Antônio.

Aos poucos a Igreja, vinda de São Cristóvão, passou a frequentar as terras do Mosqueiro, ao menos uma vez no mês, para celebrar missas. Desse modo, com o passar dos anos, atendendo à necessidade da comunidade, foi edificado um templo o qual servia de ponto de encontro para as manifestações da fé católica.

O antigo Povoado Mosqueiro, assim denominado, pertenceu ao Município de São Cristóvão, considerada a 4ª cidade mais antiga do Brasil, fato este, que contribuiu na formação de um modo de vida próprio. Conforme aponta Ferreira (1959, p.464), em 1956, o Povoado Mosqueiro era considerado aglomerado de São Cristóvão, e sua população compreendia o total de 546 habitantes (FERREIRA, 1959). (LEITE, 2007, p. 54).

O território do atual Bairro Mosqueiro era composto por grandes propriedades de caráter rural, seus moradores viviam do trabalho que a terra lhe proporcionava, em destaque para o cultivo de coco e mandioca. Além desses, as famílias também se mantinham das atividades pesqueiras, graças à proximidade dos limites geográfico do lugar serem, a leste, o Oceano Atlântico, e, a oeste, o rio Vaza Barris.

Os moradores mais antigos da localidade falam com saudosismo das Casas de Farinha, dos amontoados de coco e seus descascadores, das pescarias e da tranquilidade com que viviam. Tal tranquilidade existia mesmo em épocas festivas de intensa movimentação de pessoas, a exemplo do período junino com as novenas a São João Batista (23 e 24 de junho) e o samba de coco, além do período da festa solene de Nossa Senhora da Conceição.

Por volta da segunda metade do século XX, o povoado foi aproximado da zona urbana de Aracaju em virtude da abertura de estradas que facilitavam a locomoção dos moradores, a exemplo das Rodovias José Sarney (atual Inácio Barbosa) e a dos Náufragos. A localidade, antes isolada e esquecida, passou a contar com um aumento populacional tanto em relação aos moradores nativos quanto àqueles que passaram a frequentar o povoado pelas novas vias, os veranistas.

Vale ressaltar que culturalmente a comunidade do simples povoado era bastante diversificada. Porém, as vivências dos antigos moradores estão sendo esquecidas por falta de mecanismos que preservem a identidade comunitária que antes existia. Dentro deste

apagamento cultural que o bairro vem enfrentando, estão também as origens das festividades a Nossa Senhora da Conceição no Mosqueiro.

Mediante o contexto do processo de romanização anteriormente exposto, diversas localidades que manifestavam sua fé popular foram convidadas a obedecer ao regimento proposto pela instituição católica. Isso implica, portanto, o abandono das raízes fundamentadas nas misturas dos povos do Brasil, alinhadas à religiosidade, que “abrange toda e qualquer forma de vivência religiosa praticada pelo povo, não necessariamente católica” (SOUZA, 2014, p. 24).

Sendo assim, a preservação das memórias do Mosqueiro é necessária para salvaguardar um grande elo de identificação social, visto que, segundo Pollak (1989, p. 9), “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade”. A memória é uma importante ferramenta para interpretar o tempo passado e o presente, mesmo sabendo de suas problemáticas ligadas ao “não dito”, pois legitima, através das narrativas, as identidades individual e coletiva das pessoas. Ademais, ela favorece o estabelecimento de relações com as mais variadas produções culturais, em específico as culturas religiosa e popular (CHARTIER, 2009), e, neste caso, aquelas que gravitam junto ao movimento devocional à Nossa Senhora da Conceição no Mosqueiro.

Os acontecimentos e as lembranças estão presentes nas memórias daqueles que presenciaram, direta ou indiretamente, as manifestações da religiosidade popular. Envolvidas pela tese defendida por Jacques Le Goff (1990) quando salienta que as memórias são, assim como o passado, objetos da história e não o contrário, elas podem, pois, ser fundamentais para a reconstrução de fatos históricos. Até mesmo as memórias ditas individuais são por essência carregadas de coletividade e das relações sociais. Consoante o discutido, é dever das humanidades o bom uso das memórias visando à conservação de determinadas informações para que o passado não seja esquecido, mas esteja em constante atualização.

No seio da Família Maia, tradicional grupo da comunidade, foi desenvolvido o embrião das festividades alusivas à Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro. As rezas aconteciam na grande sala da residência do Sr. Cândido e da Dona Guilhermina Maia São José. Com o auxílio de seu filho, José Domingos Maia⁵, eles iniciaram as novenas em honra da santa. Os Maia eram um grupo familiar que possuíam certo poder aquisitivo na época, donos de parcela considerável

⁵ Pai de Laurinda Maia de Brito – *Dona Lai* e Maria da Conceição Brito Maia – *Dona Lalá*.

das terras do Mosqueiro, inclusive a atual Igreja Matriz se localiza em um dos seus antigos terrenos.

A devoção à Imaculada movia outras famílias a realizarem festividades, como promessas, novenas e leilões, a exemplo de João de Deus dos Passos (Sr. Buião) e sua esposa, Dona Maria Amélia dos Passos. Com a passar do tempo, a casa do Sr. José Domingos Maia já não era mais o espaço ideal por conta do número de pessoas que participavam das práticas religiosas alusivas à Nossa Senhora da Conceição. Os moradores do povoado abraçaram as festividades marianas e devotaram sua fé com fervor, sendo necessário, assim, construir uma capela para maior dignidade do culto à santa. O amor a Nossa Senhora, tão característico no Brasil, foi também adotado no Mosqueiro ao passo que dificilmente uma residência no povoado não teria um ícone da Padroeira em lugar de destaque muito respeitado por todos.

Além das festividades a Nossa Senhora da Conceição, em dezembro, a comunidade possuía outras manifestações do catolicismo popular, sendo realizadas nas residências dos seus devotos, contando com a participação direta dos demais membros da comunidade. Podem ser citadas as festas do Bom Jesus dos Navegantes e do Santos Reis (janeiro); São José (março); Santa Cruz (maio); Santo Antônio, São João e São Pedro (junho); São Cristóvão e Santa Ana (julho); São Miguel (setembro); e, também em dezembro, Santa Luzia. A maioria das comemorações contavam com novenas, procissões e leilões, e, especificamente nos festejos a São João, eram acrescentadas a queima do mastro e a dança tradicional do samba de coco.

Os sacerdotes saídos da Paróquia de Nossa Senhora da Vitória (São Cristóvão), uma vez ao mês, chegavam ao Mosqueiro de canoa pelo estuário do rio Vaza Barris. Eles passavam dois dias realizando missas e batizados ou quaisquer outras necessidades de cunho religioso. A chegada dos padres aconteceu ainda quando a festa de maior destaque da comunidade se localizava na residência da família Maia e foi reflexo das políticas de implantação do catolicismo romanizado no Brasil.

Após a dita *Questão Religiosa* e a Proclamação da República, com a efetiva separação dos poderes da Igreja e do Estado, o catolicismo romano era ainda legítimo nas esferas sociais, fruto de todo o Período Colonial e Imperial. Porém, o projeto vigente era, segundo Marin (2001, p. 152), “[...] purificar a religiosidade popular, herança cultural luso-brasileira, livrando-a do que o episcopado considerava erros e excessos, e, para tal, empenhavam-se em introduzir práticas religiosas romanizadas”.

Acompanhando o andamento da História do Brasil e a da Igreja Católica e seus desdobramentos, missionários passaram a frequentar a região do Mosqueiro para atender plano pastoral católico. As manifestações realizadas na comunidade passaram a serem integradas ao ritmo que os religiosos determinavam. Exemplo disso ocorreu com a data comemorativa a Nossa Senhora da Conceição: em virtude da chegada de sacerdotes, a festa, que era sempre celebrada no dia 8 de dezembro, foi transferida para o dia 24 do mesmo mês, pois, assim, eles estariam presentes para celebrar tanto as festividades da santa quanto da solenidade do nascimento de Jesus, o Natal.

A sociedade do povoado Mosqueiro era um verdadeiro sinônimo de atraso; seus moradores, que queriam minimamente aprender a ler, escrever e realizar as quatro operações matemáticas, dividiam o seu tempo com o trabalho em vista de garantir sua sobrevivência. Era ainda mais difícil, pela falta de condições, um jovem estudar na região urbana de Aracaju ou São Cristóvão. Assim sendo, até o início do século XX, existia uma única professora, de nome Leonor, para toda a comunidade. Algum tempo depois, Zefa Lopes, codinome de Josefa Lopes de Oliveira⁶, também passou a instruir as crianças do Mosqueiro e da região e era tida como boa professora e uma das responsáveis pelo desenvolvimento das devoções religiosas juntamente com sua mãe, Maria Lopes da Silva, conhecida como “Maria Velha”.

As moradias eram bastante simples e pobres, e as primeiras escolas eram em casas, assim como os primeiros espaços religiosos. Diferentemente de outros lugares do Brasil, em que, junto das povoações, eram rapidamente erguidas capelas, no Mosqueiro as manifestações de fé eram realizadas nas casas, à luz da lua e de candeieiros, contam os remanescentes daquela época. Zefa Lopes, além do seu ofício educacional, era também a responsável por conduzir os cânticos e as rezas nas mais variadas celebrações religiosas da comunidade, sejam novenas, missas, procissões, velórios etc. Ela, sendo muito respeitada pelos conterrâneos, foi importante para a transmissão dos costumes e da religiosidade na ausência dos sacerdotes na localidade.

O calendário da capela de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro contava com celebrações da *Missa Tridentina*, na eventual presença dos padres na comunidade. A permanência dos religiosos era amparada pelos moradores e sua dormida acontecia na sacristia da própria capela. Independentemente da assistência dos padres, no período quaresmal, realizavam-se as Vias-Sacras aos domingos, quartas e sextas-feiras; na Sexta da Paixão, memorial da morte de Cristo, os fiéis se reuniam na igreja, à noite, para o velório do Senhor

⁶ Mãe de Edna de Oliveira dos Santos.

Morto. Já em maio, mês tradicionalmente dedicado a Maria, a programação da capela possuía mais movimentações: em todos os seus dias, eram celebradas novenas marianas. Em julho, eram celebradas as festividades a São Cristóvão, patrocinada pelo Sr. Zozó e pela Dona Zilda. Por fim, para coroar o ano, o evento mais esperado pela comunidade: a tradicional festa da Imaculada Conceição.

O mês de dezembro era fortemente atrelado às comemorações festivas a Nossa Senhora da Conceição. Os moradores do povoado compravam ou confeccionavam vestes novas, fato que demonstra o caráter especial das festividades. Na data da memória litúrgica da solenidade da Imaculada, segundo a Santa Sé, 8 de dezembro, os devotos se reuniam na capela, ao anoitecer, para rezar e entoar cânticos em seu louvor. Logo mais, ao término disso, muitos eram os que se dirigiam para a residência do Sr. Buião e da Dona Maria, para também lograr votos a Nossa Senhora da Conceição, momento que era seguido por um leilão de prendas preparadas pela família ou doadas pelos demais devotos da comunidade. Todavia, esses não eram os pontos altos das manifestações religiosas à santa.

Na semana seguinte, o povo voltava a se reunir no interior da igreja para as novenas preparatórias ao ápice festivo. Cada uma dessas noites contava com patrocinadores, chamados de “mordomos”, que tinham, entre suas obrigações, a oferta de fogos de artifício. A culminância da festa da padroeira se dava no dia 24 de dezembro, na presença do sacerdote, com a celebração da Santa Missa Solene por volta das 09h, seguida de batizados. Na tarde daquele dia, os fiéis se reuniam para a procissão de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro pelas ruas do povoado. Quando terminava a procissão, iniciava-se um grandioso leilão e, ao seu término, se apresentavam grupos de reisado ou drama.

No entorno do ambiente da igreja, localizavam-se diversos “butiquins”, vendinhas improvisadas para a comercialização de quitutes e bebidas. Ao findar das apresentações, os presentes se dirigiam novamente ao interior da capela, por volta de meia noite, para a celebração da Missa do Galo, em virtude de ser o Natal. Já na tarde do dia 25 de dezembro, os moradores saíam mais uma vez em cortejo processional pelas ruas com as imagens de Nossa Senhora da Conceição e do Menino Jesus.

A PARÓQUIA E AS FESTIVIDADES EM HONRA À NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MOSQUEIRO

A conjuntura dos processos políticos e religiosos do Brasil, aberta na segunda metade do século XIX, incentivou a Igreja Católica a reagir e recuperar seu amplo domínio religioso. No coração do processo de romanização, esteve a criação de diversas dioceses no país, a exemplo da de Aracaju. Com a ampliação do episcopado, foram sendo melhorados os acompanhamentos das comunidades e as tratativas com as manifestações populares católicas. Contudo, um ponto a ser destacado é que, sem a religiosidade popular, a difusão do catolicismo não teria atingido tal patamar, o de maior vertente do cristianismo no Brasil.

Com a criação da diocese, foi preciso fundar novas paróquias, e, nesse contexto, a comunidade do Mosqueiro passa da jurisdição de São Cristóvão para a dos novos padres de Aracaju, sacerdotes que já estavam sendo formados em solo sergipano através do *Seminário Sagrado Coração de Jesus*, implementado por D. José Thomas Gomes da Silva no ano de 1913 (BARRETO, 2004). Os religiosos foram alterando gradativamente as experiências comunitárias, aumentando o número de celebrações de missas e inserindo a vida pastoral e seus regimentos para que as devoções fossem ditadas pelo que determinava a Santa Sé.

A Cidade de Aracaju, no século XX, estava em constante expansão e com ela a Igreja e suas missões que assediavam a comunidade do povoado Mosqueiro. Em 8 de setembro de 1983, foi criada a Paróquia Bom Jesus dos Navegantes – Atalaia Velha, que passava a ser a igreja-mãe da capela de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro, ou seja, os vigários da Paróquia do Bom Jesus davam assistência aos católicos do povoado (BRITO NETO, 2015). As populações em torno das igrejas foram aumentando seus números gradativamente e, para melhor atender os católicos do Mosqueiro, a capela foi, então, elevada ao posto de paróquia.

O Arcebispo de Aracaju, Dom José Palmeira Lessa, instalou, em 25 de dezembro de 1999, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e deu posse ao seu primeiro administrador paroquial, Padre José da Silva Queiroz. Naquela ocasião, o Sr. Arcebispo justificou a elevação da comunidade à categoria de paróquia frente às dificuldades pastorais enfrentadas, dados a extensão territorial e o grande quantitativo populacional para a paróquia da Atalaia Velha.

Nesta celebração, estamos instalando a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro, que compreende as comunidades de: Robalo, São José, Areia Branca, Gameleira e o próprio Mosqueiro, que ficou como sede da Paróquia. Esta Paróquia, inicialmente ficará sob a administração do Pe. José da Silva Queiroz.⁷

⁷ Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro, p. 2.

Mais adiante, no mesmo Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro, é dado o decreto de sua criação, em dezembro de 1999:

As que o presente decreto virem, paz e benção em Jesus Cristo, Nosso Senhor. Atendendo as necessidades do Povo de Deus, e tendo ouvido o conselho Presbiteral, havemos por bem criar a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, no Povoado Bairro Mosqueiro, em Aracaju Se, desmembrando-a da Paróquia Bom Jesus dos Navegantes, sendo que a mesma Paróquia compreendendo as comunidades de: Areia Branca – Robalo – S. José e Gameleira.⁸

A simples comunidade católica do Mosqueiro, outrora palco de dezenas de manifestações da religiosidade popular e lar de pescadores e marisqueiras, transformou-se, efetivamente, em uma área de dominação do catolicismo. O antigo território isolado e esquecido passou, a partir dos últimos dias do século XX, a responder como sede paroquial de outras comunidades. Fica comprovado, por essa situação, o sucesso do projeto de romanização efetuado pela Igreja Católica no Brasil desde o século anterior.

O século XX é de grande importância para a Igreja Católica Apostólica Romana, pois ela sofreu diversas transformações frente ao *Concílio Vaticano II* (1962-1965). Nesse contexto de mudanças, a comunidade do Mosqueiro se insere e passa a beber dos desdobramentos por ele deliberados, pois se pode dizer que houve uma Igreja antes e outra após tal Concílio.

Muito dos devotos de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro se dedicaram à organização do templo e aos seus festejos desde os tempos do Sr. José Domingos Maia e de sua família. Entre os zeladores da fé católica na comunidade, dá-se destaque a Maria Lopes da Silva – “Maria Velha” (*in memoriam*), que, por muitos anos, exerceu, com dedicação e êxito, a condução das práticas religiosas, assim como Josefa Lopes de Oliveira (*in memoriam*), Duvalina Lopes (*in memoriam*), Filenila Brito Reis (*in memoriam*), Pe. Luiz Lemper (*in memoriam*), Marlene Bispo (*in memoriam*), Dona Maria América (*in memoriam*), Sr. Antônio (*in memoriam*), Sr. Otávio (*in memoriam*), Maria Rosa da Silva Menezes, José Valter Lopes e muitos outros que trabalharam e trabalham em prol da perpetuação da devoção à Nossa Senhora Conceição, Rainha e Padroeira do Mosqueiro.

⁸ Idem, p. 6.

Alguns festejos locais atravessaram gerações e se conservam com sacrifícios, pois são poucos os que batalham para sua preservação. Entre eles, encontra-se o responsável pelo Samba de Coco, o Mestre Diô (Rosualdo da Conceição), herdando de seus pais, além da condução dos brincantes do folguedo, os festejos religiosos a São João. Ele, dentre outros, luta para que as tradições das festas não percam a originalidade do passado, pois no Mosqueiro tudo é motivo para comemorar, sempre com leilões e danças, e, se houver caráter religioso, a alegria redobra.

O ponto alto das festividades do bairro supracitado, desde os tempos mais remotos, é a festa de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro. Sobre isso, Leite (2007, p. 103) afirma:

Mas a festa de maior destaque para a comunidade é a de Nossa Senhora da Conceição, também padroeira da Comunidade em 08 de dezembro. São dez dias de celebração e paróquia cheia [...]. É interessante destacar que há uma presença significativa dos homens da comunidade nesses momentos de adoração e comemoração. E por onde a procissão vai passando é saudada por fogos e reverenciada com palmas.

Em 2015, tomou posse como administrador paroquial o Padre Everson Fontes Fonseca. Quando de sua chegada, o templo Matriz da paróquia apresentava graves e perigosas rachaduras que poderiam colocar em risco seus frequentadores. Os danos estruturais na edificação eram visíveis e foram as principais motivações para que o vigário lançasse um desafio à comunidade: construir do zero um novo templo.

Assim sendo, o Pe. Everson, zelando pelos seus fiéis, mediante a situação estrutural do templo, iniciou uma campanha, no ano seguinte a sua chegada ao bairro, para a reconstrução da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro. Outra justificativa para o serviço era a limitação do espaço antigo: “uma construção acanhada para uma Matriz”, dizia ele, pensando também no conforto para os devotos de Nossa Senhora. A conclusão dessa empreitada se deu em 2018, ano em que, além das comemorações tradicionais dos festejos da padroeira, a comunidade pôde se alegrar com a novíssima sede paroquial, fato que com certeza ficará marcado na história do lugar.

A partir da criação da Paróquia, em 1999, as comemorações alusivas à Padroeira ganharam maior visibilidade, crescendo em número a cada ano que passa. As festividades iniciam-se em 29 de novembro, abertura do novenário em preparação para a Solenidade da Imaculada. A Igreja Matriz enche-se de fiéis em todos os dez dias festivos, toda a sociedade do bairro se envolve para manter viva sua tradição. A programação conta com padres pregadores

de outras paróquias, quermesses, leilões, homenagens e muita animação. Ao fim das celebrações, os devotos se reúnem na área externa da igreja para acompanhar e participar das danças folclóricas, a exemplo do samba de coco e do reisado do grupo de idosos, assim como das apresentações coordenadas por outros grupos locais. Para coroar o louvor a Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro, no dia 8 de dezembro, é realizada uma belíssima procissão no final da tarde, acompanhada por centenas de fiéis e repetida em todos os anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido para desvelar o passado das festividades alusivas à Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro através de análises de relatos testemunhais. Assim, foi possível deparar-se com uma belíssima comunidade originada na comunhão das religiosidades populares com as práticas institucionalizadas do catolicismo quando do processo de romanização da Igreja Católica no Brasil. Portanto, as manifestações religiosas apresentadas junto à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro são o vestígio do produto das experiências da piedade popular com o projeto católico de reação à sua crise de hegemonia.

O catolicismo e suas devoções estão presentes no território brasileiro desde o início da colonização e foram trazidos pelos conquistadores, sendo, todavia, modificados frente às necessidades de seus adeptos. O Brasil herdou de Portugal muitos pontos, dentre eles, o cristianismo e a veneração a Nossa Senhora. A Igreja Católica no Brasil fez parte do projeto de dominação lusitano, sendo uma instituição muito atuante através de seus missionários.

A Igreja em Sergipe, como visto, está presente desde o século XVI, porém é em meados do final do século XIX e início do XX que há efetiva preocupação pela cristandade em terras sergipanas. Esse fato é explicado pela introdução do projeto de romanização em detrimento do sensível declínio de influência do catolicismo e da laicização do Estado do Brasil, quando da dissociação dos seus poderes.

A bordo das caravelas, vieram ao Brasil dezenas de devoções marianas, pois já eram amplamente abraçadas pelos portugueses, e já neste país foram interpretadas graças às subjetividades das vivências em um território tão vasto. Nossa Senhora da Conceição, por exemplo, era oficialmente a sua padroeira, pois esta porção de terra fazia parte do domínio do Reino de Portugal. Essa devoção também foi manifestada no povoado Mosqueiro antes mesmo

da fixação da Igreja e dos seus desdobramentos pastorais e perpetuou-se como a maior manifestação da fé dos seus moradores até depois da instalação de sua paróquia.

Para o estabelecimento de diálogos neste artigo e análise de algumas memórias de antigos moradores que vivenciaram a religiosidade popular e a aproximação das práticas institucionalizadas, conclui-se que trabalhar memórias é como reencontrar um antigo baú cheio de fotografias antigas, é recordar, é atualizar uma parte do passado e revivê-lo no presente. E mais: trabalhar com lembranças neste caso é ainda mais singular, visto que se trata de uma comunidade carente de produções escritas e que, se aquelas não sofrem registradas, tendem ao esquecimento.

Dito isso, com este trabalho, é dado um importante passo para que o patrimônio cultural da localidade seja preservado, indo até além das festividades alusivas à Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro, festa de maior destaque para a comunidade e que mexe com a sociedade ao seu redor. Entretanto, aqui foi estudada apenas uma pequena parcela daquilo que as memórias puderam acordar e que podem outrora ser interpeladas, a exemplo da constituição social do lugar. Por fim, tendo em vista os pontos já abordados a respeito das tradições do Mosqueiro, em especial da devoção à padroeira, são necessários aprofundamentos em pesquisas científicas e estímulos que despertem nos moradores a sede pelos saberes históricos.

FONTES:

Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro – Arquidiocese de Aracaju. Disponível na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Mosqueiro – Aracaju/SE.

Entrevista concedidas por BRITO, Laurinda Maia de; MAIA, Maria da Conceição Brito; SANTOS, Edna de Oliveira dos. *Notas do autor.*

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, Deise; BRANDÃO, Sylvana. **Santuário de nossa senhora da conceição e o processo de romanização.** III Colóquio de História–Brasil, v. 120, p. 19-22. Disponível em: < <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/3Col-p.198-209.pdf> >. Acesso em: 09 de mar. de 2022.

ALVES, A. M. **Religiosidade popular: “A crença do povo é a crença em Deus”.** Diversidade Religiosa, v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/download/20461/11325/> >. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

ARAGÃO, I. R. **Espaço e pesquisa qualitativa sobre as festas católicas e o turismo religioso em Sergipe.** Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 61–68, 2017. DOI: 10.17564/2316-3801.2017v5n3p61-68. Disponível em: < <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/2925> >. Acesso em: 12 maio de 2022.

AZZI, R. **O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos.** Petrópolis: Vozes, 1978.

BARRETO, R. A. D. N. **Os padres de Dom José: o Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933).** Faculdade Pio Décimo – Aracaju. Revista Educação em Questão, Natal, v. 21, n. 7, p. 136-160, set./dez. 2004. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8385> >. Acesso em: 02 de abr. de 2022.

BARROS, J. D. A. **A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier.** Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: < <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422> >. Acesso em: 20 de dez. de 2021.

BONJARDIM, Solimar G. Messias; DE ALMEIDA, Maria Geralda. **Expansão do Sagrado: a Territorialidade da Igreja Católica em Sergipe-Brasil.** Revista Geográfica de América Central, v. 2, n. 47E, 2011. Disponível em: < <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2698> >. Acesso em: 04 de mar. de 2022.

BONJARDIM, Solimar Guindo Messias. **Patrimônio cultural: território e poder da igreja católica em Sergipe.** Revista GeoNordeste, n. 3, 2013.

BONJARDIM, Solimar Guindo Messias. **Sob o domínio da cruz: a construção de um território e patrimônio cultural em Sergipe**. [Tese de doutorado em Geografia] Universidade Federal de Sergipe, 2014.

BRITO NETO, Aquilino José de. "**Ao sul de Aracaju...": memória e história da Atalaia Velha (1900-1952)**". 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

CÂMARA, D. H. P. **Nossa Senhora no meu caminho**. São Paulo: Paulina, 1981.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CIPOLINI, Pedro Carlos. **A devoção mariana no Brasil**. Teocomunicação, v. 40, n. 1, 2010. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/N%C3%83%C6%92O%20https://www.scimagojr.com/index.php/teo/article/view/7774> >. Acesso em: 10 de mar. de 2022.

CIPOLINI, Pedro Carlos. **O dogma da imaculada conceição**. Revista de Cultura Teológica, n. 51, p. 55-77, 2005. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15677> >. Acesso em: 03 de abril 2022.

DE LIMA, Maurilio Cesar. **Breve história da Igreja no Brasil**. Edições Loyola, 2004.

DILLMANN, M. **Religiosidade popular católica no Brasil durante a vigência do Padroado**. Revista Espaço Acadêmico – N° 138, p. 103-112 – novembro de 2012. Disponível em: < <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/17391> >. Acesso em: 02 de mar. de 2022.

EDELWEISS, Frederico G. **Nossa Senhora da Conceição da Praia, a primeira igreja da Cidade do Salvador**. Universitas, n. 3/4, p. 5-5, 1969. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/universitas/article/view/31985/19024> >. Acesso em: 28 de mar. de 2022.

FRANZEN, D. O.; MAYER, L. **Os registros paroquiais como fonte de pesquisa para a História da Educação (1926-1938)**. Acervos para História da Educação – v. 29, n. 44 (Jun/2016) – ISSN 2175-0173. Cadernos do EOM, Chapecó (SC), p. 79-87. Disponível em: < <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2941> >. Acesso em: 02 de abr. de 2022.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Revistas dos tribunais, 1990.

LARA, C. B. Q. **O Patrimônio cultural religioso: História e Memória da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS**. [Dissertação de Mestrado em História] – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados: 2017.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEITE, M. M. B. M. **Entre o rio e o mar: educação ambiental para o fortalecimento da comunidade pesqueira do Mosqueiro - Aracaju/SE**. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2007.

MANOEL, Ivan Ap. **História, religião e religiosidade**. Revista de Cultura Teológica, n. 59, p. 105-128, 2007. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15668> >. Acesso em: 25 de mar. de 2022.

MARCHI, Euclides. **Religião e evangelização: presenças na carta de Pero Vaz de Caminha**. Revista História: Questões & Debates, UFPR. Curitiba. Ano, v. 17, p. 103-121. Disponível em: < <https://www.nupper.com.br/home2/wp-content/uploads/13.pdf> >. Acesso em: 08 de abr. de 2022.

MARIN, Jérri Roberto. **História e historiografia da romanização: reflexões provisórias**. Revista de Ciências Humanas, n. 30, p. 149-169, 2001. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25119> >. Acesso em: 30 de abr. de 2022.

MENEZES, A. S. **História e Memória: Comunidade Católica São Jose dos Conventos/RS (De 1855 aos dias atuais)**. [Monografia para graduação em História] - Centro Universitário Univates, Lageado, 2016.

MIRANDA, Joana. **Um olhar sobre o outro: a carta de Pêro Vaz de Caminha**. Discursos: estudos de língua e cultura portuguesa, p. 61-73, 1993. Disponível em: < <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3998/1/Joana%20Miranda.pdf> >. Acesso em: 08 de abr. de 2022.

MOURA, M. M. **Devoções marianas na roça e na vila**. Cadernos CERU, [S. l.], v. 8, p. 121-134, 1997. DOI: 10.11606/issn.2595-2536.v8i0p121-134. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/74978> >. Acesso em: 14 fev. 2022.

NUNES, S. I. F. **A pesca artesanal como mediação da relação homem natureza: permanência e resistência dos pescadores nas comunidades pesqueiras do povoado Mosqueiro/Aracaju SE**. 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

PETERS, José Leandro. **A mãe compadecida do povo brasileiro: a institucionalização do culto a Nossa Senhora Aparecida no Brasil**. RHEMA, v. 16, n. 51, p. 76-95, 2018. Disponível em: < <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/RHEMA/article/view/1487> >. Acesso em: 04 de mar. de 2022.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos vol.2, 1989. Disponível em: < http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf >. Acesso em: 20 de jan. 2022.

REIS, J. C. **Religiosidade popular: o poder simbólico cultural e a interpretação do sagrado**. Revista Mosaicum, n. 6 – Ago./Dez. p. 67-76, 2007. Disponível em: <

<https://revistamosaicum.org/index.php/mosaicum/article/view/384> >. Acesso em: 04 de mar. de 2022.

SANTOS, M. F. J. **Festas do Aracaju: tramas da tradição religiosa em uma cidade moderna (1900-1950)**. Ateliê Geográfico – Goiânia-GO, v. 9, n. 1, p. 183-207, abr/2015. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/29557> >. Acesso em: 03 de maio de 2022.

SOUZA, M. S. dos S. **A voz e a fé: Rádio, Oralidade e Religiosidade popular**. (Análise da voz mediatizada do programa “Momento Devocional” a Santo Antônio veiculada pela Rádio Excelsior da Bahia). [Dissertação de Mestrado] - Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2014.